

Propriedade

Câmara dos Técnicos Oficiais
de Contas

Administração

Avenida 24 de Julho, 58

1249-114 Lisboa

Telefone: 21 393 93 00

Telefax: 21 397 31 85

Email: direccao@ctoc.pt

Endereço de página (URL:www.ctoc.pt)

Contribuinte n.º 503 692 310

Director

A. Domingues de Azevedo

Directores Adjuntos

Armando Marques,

Jaime dos Santos,

Mário Azevedo

e Rosa Teresa Santos.

Redacção

Editor: Jorge Magalhães

Redactores: António Gouveia,

A. Santos, Vasco Resende

e Verónica Santiago.

Secretariado:

Gracinda Romão

e Maria João Franca.

Colaboradores

Colaboram neste número:

A. Domingues de Azevedo,

António Baltazar Mortal,

Armando Marques, J. F. Cunha

Guimarães, Manuel António Duarte,

Maria José da Silva Faria,

Mário de Jesus, Nuno Miguel Duarte

Pereira, Paulo Filipe Aguiar

e Pedro Rito.

Publicidade: Luís Patuleia

Produção Editorial

Starimagem – Comunicação
e Imagem, Lda.

Avenida Ivens, 10-3.º D

2720-309 Alfragide

Email: info@starimagem.com

Site: www.starimagem.com

Maquetagem

Américo Nobre

Fotografia

David Caldeira

Revisão

Ilídio Tomás

Impressão

Heska Portuguesa

Campo Raso – 2710-139 Sintra

Expedição

Luter – Publicidade e Serviços

Tiragem

77 850 exemplares

Depósito Legal

N.º 150 317/00

ISSN

1645-9237

Os artigos publicados são da exclusiva
responsabilidade dos seus autores.

Sumário

Tema de capa

António Pereira Silvão, presidente do Conselho Disciplinar da CTOC, aponta importantes lacunas que é urgente corrigir: publicidade, notificação dos TOC, controlo de qualidade e irregularidades técnicas são algumas delas. A aprovação à alteração dos Estatutos da CTOC, que há três anos se encontram a aguardar despacho favorável por parte do poder Executivo, é vista como indispensável para ultrapassar muitos desses problemas. Fica a esperança de que o novo Governo seja mais rápido a tratar o assunto.

6 20 Opinião

20 Internet e novas soluções
Sem colocar em risco o sigilo fiscal, muitas outras situações poderiam ser resolvidas pela Internet. Foi este desafio que deixámos ao director-geral dos Impostos.

21 Qualidade
Qualidade é sinónimo de prestígio. No caso dos TOC, profissão que abarca serviços complexos e responsabilidades abrangentes, quem se propõe praticar honorários baixos, raramente terá condições para oferecer essa qualidade.

Notícias 11 22 Contabilidade

AG em Viseu 11

Modelo 22 de IRC 11

Estágios 12

Tomada de posse 12

Segurança Social 13

Controlo de qualidade 13

FINTOC 14

Placas identificativas 15



GECTOC – OE/2005 e IVA 16

Programa ATD-CTOC 18

Livros em notícia 19

22 SPC
Este trabalho defende que a eventual “ressurreição” da SPC deverá ser devidamente ponderada. Por outro lado, torna-se inadmissível que o espólio bibliotecário esteja parado e não ao serviço da investigação.

34 Contabilidade Analítica
A contabilidade pública deve procurar instrumentos que possam conduzir à melhoria da eficiência. Por isso, pretende realçar-se a importância da Contabilidade Analítica no contexto da administração pública directa ou indirecta.

A complexidade comunicacional da cultura política das organizações

A importância de perceber que o estudo da tecnologia é essencial para a compreensão da cultura é evidente. Uma visão realista da interacção da tecnologia com a política, a cultura e outras forças sociais permite uma percepção geral das implicações sociais e filosóficas da tecnologia na vida em comunidade.

Por Pedro Rito

A perspectiva do poder aparentemente ilimitado que a tecnologia parece oferecer, deixa-nos deslumbrados e simultaneamente ameaçados com a sua capacidade de influenciar as nossas vidas. A forma como encaramos a tecnologia está intimamente relacionada com as nossas aspirações como seres humanos.

Uma visão realista da interacção da tecnologia com a política, a cultura e outras forças sociais permite uma percepção geral das implicações sociais e filosóficas da tecnologia na vida em comunidade. A forma intrínseca em que a tecnologia, a cultura e a política se relacionam e as suas profundas consequências requerem uma abordagem profunda.

A cultura e a vida humana

Os seres humanos são seres sociais por natureza, necessitando de participar num grande leque de actividades sociais e culturais. A vida em comunidade é o nosso ambiente natural. Mary Midgley (1978), citada por Tiles e Oberdiek, refere que a cultura não é antagónica à liberdade, mas torna-a possível. Viver sem cultura não é possível, pois a nossa natureza como seres humanos obriga à criação de uma cultura no caso de não a ter, e de sustentar aquela que temos. As culturas variam de umas para as

outras, contudo a maioria revertem às necessidades humanas básicas: a regulação do impulso sexual, o controlo da violência, rituais de passagem, entre outros. Todavia, para viver verdadeiramente todos necessitam de viver numa cultura viva particular. É óbvio que não é obrigatório que os elementos aceitem todos os elementos da sua cultura. Desafiar, fazer novas interpretações, ignorar, alterar ou opor contra alguns produtos culturais também faz parte da nossa natureza.

O estudo da tecnologia como parte integrante é muito recente. Segundo Mauss, as técnicas são actos tradicionais, agrupados em função de um efeito mecânico, físico ou químico. Para Ferkiss, a tecnologia é um meio organizado, deliberado, de afectar o meio ambiente, físico ou social e capaz de ser assimilada e comunicada a terceiros. É geralmente eficiente, independente das atitudes pessoais, qualidades ou talentos dos que a manipulam. Esta definição não permite a confusão entre “técnicas” e tecnologia.

A importância de perceber que o estudo da tecnologia é essencial para a compreensão da cultura torna-se evidente. As definições de cultura e daquilo que é cultural variam conforme o propósito do autor e denota domínios muito diferentes. No século XIX, Matthew Arnold relacionou a cultura com a realização de importantes obras intelectuais e artísticas, pois acreditava que estas elevavam a sociedade perante o mundano e o bruto.

Esta descrição destaca o valor atribuído à cultura, relegando a tecnologia para as formas menos positivas de sucesso em favor da ciência, que por sua vez é secundária à arte. A sua visão estreita ofusca a forma em que a cultura é moldada e por sua vez molda a tecnologia. A história da cultura construída desta forma tem em consideração, por exemplo, a Bíblia e a sua tradução, enquanto ignora o método de impressão de Gutenberg que permitiu a expansão da sua leitura.

Noutra abordagem, a cultura refere-se a todas as práticas, formas de arte e representações consideradas isoladas dos contextos económicos, sociais, políticos e tecnológicos nos quais se desenvolvem. Apesar do valor desta abordagem, ela também afasta a importância tanto da tecnologia, como da política.

Para Clifford Geertz (1973), citado por Tiles e Oberdiek, a cultura denota «um padrão historicamente transmitido de significados personificados em símbolos; um sistema de concepções adquiridas expressado em formas simbólicas, através dos quais (os seres humanos) comunicam, se per-

petuam e desenvolvem o seu conhecimento sobre a vida e as atitudes perante ela». Esta definição permite perceber a forma em que a tecnologia pode incorporar valores e significados. Contudo, esta também limita a definição de cultura, pois ao dar ênfase a concepções, realça o intelectual e desvaloriza o materialismo da cultura. Esta definição também não expressa a extensão em que a cultura está embebida e sustentada pela prática diária.

A cultura refere-se às formas em que nos expressamos na religião, nos mitos narrativos, na linguagem, no desporto e na expressão corporal, mas também inclui formas características em que as pessoas se vestem, na forma em que organizam a sua sociedade e o seu modo de laborar. Sendo assim, torna-se possível distinguir várias formas culturais, como por exemplo, religiosa, política e estética. Portanto, a cultura incluirá todas as práticas sociais e simbólicas – artísticas, religiosas, desportivas, linguísticas, políticas e laborais – nas quais as pessoas participam e que têm capacidade para a descrever. Apenas o ser humano pode descrever e reflectir sobre a sua sociedade. As culturas são translúcidas, reconhecemo-nos nelas inicialmente, como se através de um vidro, pretendendo observá-las e a nós mesmos com maior clarividência e menos distorção.

Todo o património de artefactos materiais ou espirituais em que o Homem se movimenta e de que se serve para satisfazer as suas necessidades físicas, fisiológicas e espirituais, que recebeu dos seus antepassados ou que acrescentou, modificou, transformou ou inventou e que transmite é denominado cultura.

Nós não vivemos numa cultura *per se*, mas antes em comunidades de vários tamanhos e graus de complexidade. Estas comunidades incorporam, moldam e reflectem a cultura nas suas várias formas. A vida cultural de uma população consiste primariamente num conjunto de práticas, relações de autoridade, instituições, hábitos, tradições, valores e atitudes. Alasdair MacIntyre, citado por Tiles e Oberdiek, define prática como uma «actividade complexa e exigente com padrões de excelência e com elementos internos e externos a estes».

A obtenção de elementos internos requer que a pessoa se submeta aos padrões de excelência que estão na base da prática, pois estes estão articulados numa tradição. Isto coloca a prática num contexto social, nomeadamente um de tradição histórica da qual originaram os seus padrões, abordagens e formas de pensar e de sentir.

As práticas de vivência são mutáveis. Por vezes, a

mudança deve-se a forças externas, mas também pode dever-se a forças geradas internamente. A tecnologia influencia grandemente as mudanças internas e externas, levando à alteração das práticas.

A mudança não implica necessariamente o progresso. As práticas podem fazer atrofiar ou levar à perda de comportamentos e conhecimentos, devido a alterações internas ou externas, que são influenciadas pela tecnologia. As práticas necessitam de alterações constantes e de serem renovadas de forma a persistirem. Também precisam de apoio institucional, uma organização complexa, apoiadas num contexto económico, legal e político mais abrangente.

À medida que as instituições ganham uma vida própria, os indivíduos deparam-se frequentemente com contradições. Por vezes, a tensão pode ser criativa, contudo demasiadas vezes ela subjuga ou destrói. Mas também seria irreal considerar que a maioria das práticas conseguiriam perdurar sem institucionalização, ou que as práticas e as instituições poderiam existir em perfeita harmonia. Isto torna-se óbvio, já que as pessoas envolvidas numa vida institucionalizada de uma prática, também elas têm as suas próprias práticas.

Estas observações sugerem que a tecnologia tem um papel importante em quase todos os aspectos da cultura, incluindo a política. De forma alguma será possível reconhecer alguma parte da cultura de forma claramente separada de outra.

Conclusão

Jurgen Habermas e Niklas Luhmann convergem na ideia de que uma das dinâmicas fundamentais da modernidade se traduz na diferenciação da sociedade em sistemas sociais especializados – tal como o sistema económico e o sistema político – o que tem múltiplas implicações para a vida social contemporânea.

A cultura é tudo o que recebemos, transmitimos ou inventamos. A cultura, além de ser “o conjunto de tradições sociais” (Lowie), “herança social” (Linton), é tudo aquilo que o Homem acrescenta à Natureza. Verificou-se que a cultura é um dado universal: não há Homem sem cultura: nem cultura sem sociedade.

(Texto recebido pela CTOC em Novembro de 2004)

Bibliografia

- TILES, MARY; OBERDIEK, HANS – “Living in a Technological culture – human tools and human values” – Nova Iorque, Editora Routledge.
MAUSS, MARCEL – “Manual de Etnografia” – Lisboa, Edições Pórtico.
CARDOSO, IANNI – “O Indivíduo a Cultura e a Sociedade” – São Paulo – Companhia Editora Nacional.



Pedro Rito

– Licenciado em Contabilidade e Auditoria pelo ISCAC
– TOC n.º 59 870